

[Entrevistador] Câmera gravando? Sim. Som ok. Silêncio no set 3, 2, 1. Boa tarde, me chamo Ana Lívia, sou aluna da Escola Johnson e eu queria saber mais para a senhora sobre o seu nome e sobre a sua história aqui no bairro.

[Ana Cristina] Boa tarde, meu nome é Ana Cristina, eu já moro aqui há muito tempo, tenho mais de 20 anos. E eu vivo aqui no bairro em função mais da comunidade, trazendo objetivos para a comunidade. Exclusivamente eu também tenho um projeto dentro da comunidade. É um projeto onde a gente faz um trabalho com idosos, com crianças. E a gente não trabalha só dentro do território. A gente também faz esse trabalho fora do território. Então a gente ajuda várias pessoas na nossa comunidade.

[Entrevistador] E qual a sua história com o bairro?

[Ana Cristina] Bom, eu nasci e me criei aqui dentro do bairro, então assim, eu amo o meu bairro onde eu moro e o meu objetivo é fazer com que ele venha a crescer mais.

[Entrevistador] O que a senhora faz hoje aqui na comunidade que transforma a vida das pessoas?

[Ana Cristina] Eu trabalho aqui dentro da comunidade fazendo os trabalhos sociais, que tem 16 anos que a gente faz esse trabalho. E a gente está trazendo para a nossa comunidade uma oportunidade até de trabalho para aquelas mães de famílias que não têm uma renda, onde a gente conseguiu agora, na Regional 7, trazer a Praça Gastronômica do Luciano Cavalcante. Então, essa praça, a gente está dando a oportunidade a essas mães, pais de família a terem uma renda para eles se manterem e aí a gente consegue fazer esse trabalho com essas mães com esses pais tem até adolescentes também e aí a gente consegue fazer um trabalho muito fantástico dentro da nossa comunidade e Esse é o meu objetivo, é trazer esperança para o nosso bairro, porque hoje a gente vive num mundo onde muitas comunidades não têm oportunidade, não têm esperança, não têm um líder, não têm uma liderança que possa estar abraçando o bairro. E esse foi o meu objetivo, junto também com a Paula, que é uma coordenadora também, que a gente faz esse projeto.

[Entrevistador] E como que as memórias do bairro, na sua opinião, ajudam a manter a identidade dele?

[Ana Cristina] Bom, primeiro a minha infância, né? Foi tudo aqui. Então a minha infância, ela fala muita coisa, né? E eu amo morar nesse bairro também. E através da minha infância, eu sempre tive esse desejo, esse sonho de estar construindo algo dentro do bairro. Foram muitas lutas, muitas pedradas, mas a gente consegue ultrapassar essas pedradas, esses levantes, que sempre quem trabalha no social tem isso. Então, a minha lembrança no bairro sempre foi essa e cada lembrança que eu venho, que eu penso, a gente vai construindo e realizar em sonhos.

[Entrevistador] Qual as maiores dificuldades que a senhora enfrenta hoje em dia?

[Ana Cristina] As maiores dificuldades são apoio que a gente não tem, que a gente quando constrói um projeto, a gente precisa de apoio e a gente não tem esse apoio. Então o apoio que a gente tem são dos moradores, que a gente vai conversando com um, vai conversando com outro e aí eles vêm dando esse apoio. A gente vai construindo essa ponte de apoio uns com os outros.

[Entrevistador] E qual a maior lembrança, a maior memória que a senhora tem e que a senhora carrega desse entanto?

[Ana Cristina] Daqui, o que eu carrego dentro de mim foi o momento da construção dessa casa, que a comunidade em si batalhou muito para poder ter esse território, para poder ter essa moradia, para poder conseguir construir sua casa, porque a gente começou a trabalhar de mutirão. Então foi através do mutirão, essa é a lembrança que eu tenho, que a gente trabalhou em equipe para poder manter esse teto.

[Entrevistador] E pra finalizar, qual a história que mais lhe marcou, que a senhora carrega ou lembra até hoje?

[Entrevistador] Como foi que surgiu a ideia da senhora ajudar o bairro de fazer festas e também ações sociais?

[A Gente Sai Arrecadando] Bom, o que me incentivou e que me cativou a fazer esse trabalho foi através do que eu passei. A violência, o abuso e várias outras situações que eu já enfrentei. Já passei fome, já catei coisas do lixo para poder se manter. E através disso, do quadro depressão, de tudo, foi aonde surgiu a ideia de eu trabalhar no social. Então, quando eu comecei a trabalhar no social, eu comecei do zero. Eu não sabia, em crise, que quando eu comecei eu estava em crise, e aí eu me fantaseio de palhaço. Eu não levo sua alegria para cá, para dentro da minha comunidade. Eu levo para outras comunidades também. E aí, com isso, eu decidi... sozinha, sem ter apoio de governo, sem ter apoio de nada, fazer a festinha das crianças, que hoje a gente atende 600 crianças. Como que tu consegue, Ana, fazer isso? Através das redes sociais, pedindo ajuda. pedindo uma contribuição de um, fazendo rifa, para a gente conseguir manter esse trabalho. Então, 16 anos, eu faço esse projeto aqui e a gente sai arrecadando, pedindo doações para a gente poder abraçar todas essas crianças. Então, a gente tem um trabalho de alugar brinquedo, pula-pula, a gente arrecada brinquedos novos e usados, eu também reformo brinquedos novos, Novos não, usados, perdão. Os brinquedos que chegam, que eu vejo que dá para recuperar, eu também faço esse trabalho de recuperação. E aí fica o convite para quem quiser ajudar também. É só seguir o meu Instagram, que é Ana8644Cristina, que tem toda a minha trajetória lá também. E depois eu posso também estar mandando o link da minha história.

[Entrevistador] Na sua opinião, a senhora pensa que a sua ação social que a senhora faz pode abrir a mente das crianças ou das pessoas ao seu redor para fazer também?

[A Gente Sai Arrecadando] Sim, eu creio que sim, porque a gente não é só uma festa, a gente também faz uma contação de história, onde a Geni Sobreiro, que é uma amiga, que se veste de Maria Flor, a boneca nordestina, e ela vem e faz a contação de história. Então, isso é tão importante, a base da leitura para as crianças, porque a gente coloca uns tatames ali fora e eles ficam... É impressionante, eles ficam todos sentados, escutando aquela história. E o mais interessante é que a boneca nordestina conta a história daquele momento, ela não traz nada copiado. né ela cria através de um objeto é de um brinquedo de um picolé ou de uma pipoca que a gente passa dando para as crianças sentada ali no momento que elas estão ouvindo a história e ali ela cria a história e as crianças amam as crianças adoram exclusivamente a gente teve a colônia de férias também que a gente fez na praça né e foi assim um sucesso então assim É um trabalho difícil, muito, muito difícil da gente poder conseguir arrecadar o que a gente precisa, porque realmente a gente não tem apoio de governo, a gente não

tem apoio de nada. O maior apoio que eu tenho hoje na minha vida é Deus, porque eu tenho essa fé inabalável. E tudo que eu coloco diante dele, ele me responde. Então, assim, eu sou muito grata a Deus por ele ter me dado essa força para eu poder sair desse quadro depressivo, para eu poder lutar. Com essas crianças, né? Que sempre estão aqui nas minhas portas. A gente entrega sopão na madrugada, a gente entrega, recebe lanche, a gente entrega nas comunidades próximas. Então, assim, a gente tem todo um trabalho. E eu tenho todos os registros, né? Que são as fotos, que estão tudo no meu Instagram, tá certo? E é isso. Eu amo aquilo que eu faço.

[Entrevistador] Se a senhora pudesse dar um recado para gerações futuras, aqui do Luciano Cavalcante, como de toda a Fortaleza, o que seria?

[Ana Cristina] Eu diria que as pessoas amassem mais, amassem mais, abraçassem mais e diminuíssem mais o julgamento. Porque as pessoas julgam muito. As pessoas não fazem, mas têm o poder de julgar. Então, que as pessoas, antes de julgar, pudessem vir conhecer primeiro. Cada pessoa, não só eu, mas cada pessoa que faz um trabalho social. Porque o poder do julgamento é muito forte no meio de quem faz o social, para quem faz esse voluntariado.